

## ESTRESSE POR AVALIAÇÕES: UMA METODOLOGIA PEDAGÓGICA PARA REDUZIR TENSÕES

José Antonio Colvara de Oliveira<sup>1</sup>, Maria Luiza Menna de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

Avaliar se constitui em processo que se localiza, conforme Luckesi (2011), num ato de investigação que busca confrontar o obtido com o esperado. A presente digressão se constitui em operacionalizar esse ato com a aprendizagem. Ou seja, quando avaliamos o que foi resultante do processo de ensino na sala de aula o resultado que obtemos é, em verdade, a exposição de quanto conseguimos ensinar e não o quanto o aluno aprendeu. Essa "ponte entre diferentes níveis de realidade" de que nos fala Hadji (1994, p. 29) é, em verdade, uma fotografia instantânea sobre um determinado momento da realidade estretejada pelo avaliando, uma vez que é a partir dele que emanam os signos e parâmetros para a quantificação desejada. Este trabalho relata uma experiência de mais de dez anos de ensino universitário, onde é pautado o procedimento sobre o ponto de vista de que o que se avalia é, na verdade, o nosso desempenho como professores, o que nos é transmitido através de nossa consciência daquilo que o aluno aprendeu.

**Palavras-chave:** Avaliação do ensino, avaliação da aprendizagem, novas metodologias, quebra de paradigmas.

### ABSTRACT

To evaluate whether it constitutes a process that is located, according to Luckesi (2011), in an act of research that seeks to confront the obtained with the expected. The present digression is constituted in operationalizing this act with the learning. That is, when we evaluate what was produced by the teaching process in the classroom, the result we get is, in fact, the exposure of how much we managed to teach and not how much the student

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Ritter dos Reis-UniRitter-Porto Alegre-RS-Brasil [colvara3@gmail.com](mailto:colvara3@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - UFPel - Pelotas-RS, Brasil. [maria.mennaoliveira@gmail.com](mailto:maria.mennaoliveira@gmail.com)

has learned. This "bridge between different levels of reality" referred to by Hadji (1994, p.29) is, in fact, an instantaneous photograph of a given moment of reality stolen by the evaluating one, since it is from it that the signs emanate and parameters for the desired quantification. This paper reports an experience of more than ten years of university teaching, where the procedure is based on the point of view that what is evaluated is, in fact, our performance as teachers, which is transmitted to us through our conscience of what the student has learned.

**Key-words:** Evaluation of teaching, evaluation of learning, new methodologies, paradigm breaks.

*Recebido em 25/01/2019, aceito em 13/06/2019*

## **INTRODUÇÃO**

Em nossa vivência acadêmica, temos desenvolvido, ao longo dos últimos dez anos, uma metodologia que, a despeito do trabalho que exige por parte do educador, tem trazido resultados bastante significativos em termos de aproveitamento em sala de aula. Neste contexto, consideramos como 'aproveitamento' a obtenção de um alto nível de interesse dos alunos, elevada frequência às aulas e grandes desempenhos traduzidos em consideráveis níveis de aprovação. Isto, conforme anunciamos no resumo, se encontra lastreado no pensamento de que, as avaliações de aula são por nós consideradas como um retrato do desempenho do mestre e, em vista disso, trazem no seu arcabouço um sistema de regulações que descrevemos à seguir. Com estes procedimentos, buscamos romper o paradigma avaliativo, o qual tem, ao longo dos tempos, se preocupado em avaliar a aprendizagem e não o ensino. O que buscamos com nosso método é inverter o significado da avaliação e traduzir seu sentido como um método de reportar o desempenho do professor, enquanto responsável maior pela aprendizagem dos alunos.

## **MARCO TEÓRICO**

Partindo do princípio de que "O diagnóstico é inútil se não der lugar a uma ação apropriada" (PERRENOUD, 1995, p. 15), vamos nos indagar à respeito do significado de uma avaliação na qual uma grande parte da turma tenha apresentado um resultado que deixe a desejar. O que nos reporta esse resultado? Que grande parte do aluno não entendeu o conteúdo? Que a maioria demonstrou incapacidade para assimilar o que lhes foi apresentado? Que o nível de absorção do assunto foi insuficiente para o que deveria ter sido? Em todas estas situações, por trás do que seria a resposta óbvia de um simplório "sim", surge um reflexo do próprio questionamento: a quem, verdadeiramente, cabe a responsabilidade por tão retumbante fracasso? Quem é o profissional formalmente preparado para ensinar aquele conteúdo? E vejam que aqui assoma um outro dissonante impasse que faz parte deste mesmo contexto, mas que não cabe aqui uma análise mais detalhada, que é a óbvia desvinculação entre essas duas ações do processo educacional, quais sejam, o ensinar e o aprender. Desta maneira é que propomos o marco teórico deste trabalho, o qual se traduz na afirmação de que, claramente, o que avaliamos não é necessariamente tão somente a aprendizagem e sim o ensino.

## **METODOLOGIA**

Nosso método de ensino tem se desenvolvido, efetivamente, obedecendo à seguinte sequência: Norteados pelo princípio apontado por Romanowski e Wachowicz (2004, p.126) de que a avaliação é "contínua, realizada durante o processo de ensino e aprendizagem, com a finalidade de melhorar as aprendizagens em curso, por meio de um processo de regulação permanente", após cada aula ministrada, reservamos de 15 a 20 minutos para aplicar uma avaliação (AD, avaliação diária) versando sobre aquele conteúdo ministrado. Não são questões que exijam grande memória ou elevado grau de raciocínio, unicamente se dedicam a verificar se o aluno acompanhou aquele conteúdo e se este professor conseguiu, realmente, ensinar aquilo a que se propunha. Uma vez que a citada avaliação revela, em realidade, o que foi ensinado, assumimos o compromisso com os alunos de que, quando a maior parte da turma apresentar um rendimento inferior à metade do esperado, isto está a sinalizar, na verdade, um desempenho fraco não dos alunos, mas sim do professor. Nestes

casos cancelamos o instrumento avaliativo, apresentamos novamente o conteúdo e aplicamos nova avaliação, obviamente que de outra maneira, com outra estratégia, outros tempos, ou seja, lá o que motivou o desempenho abaixo do esperado. Isto traduz, efetivamente, o seguinte posicionamento para com os alunos em particular, mas quanto a filosofia da educação pela qual nos centramos, em geral: um desempenho fraco da turma aponta, tipicamente, para um fraco desempenho do processo de ensino, do qual, diretamente é responsável o professor. Isto pode ocorrer, entre outras razões, motivado por intercorrências pedagógicas tais como inadequação de conteúdos, tempo não equalizado com a necessidade, ou mesmo pela administração do contexto em geral, mas sempre, diretamente, vinculado estreitamente com o professor. Isto ocorre, precisamos salientar, raríssimas vezes. Esta AD é de caráter optativo, ou seja, o aluno tem toda a liberdade para fazê-la ou não. Isto se coaduna matematicamente com a nota final uma vez que continua existindo a avaliação bimestral (AB). O detalhe, fundamental aqui, é que esta se divide por datas, onde, em cada data temos questões apenas sobre aquele conteúdo apresentado naquele dia. Esta AB se destina aos alunos que faltaram à alguma das provas diárias, ou mesmo tenham se saído de maneira deficitária em qualquer delas, e possam então, após uma nova oportunidade para rever individualmente aqueles conteúdos, atestar mais uma vez o conhecimento agora produzido. A soma das AD resulta no mesmo valor da AB, sendo que esta última, devido ao aluno dispor de mais tempo para estudar, apresenta um conteúdo mais aprofundado sobre os mesmos temas avaliados na AD. Já a AD apresenta questões que exigem do aluno acompanhamento, atenção e foco. Devido a essa diferença substancial, do ponto de vista do aluno, as AD são muito mais concorridas e, normalmente, a AB tem a presença, quando muito, de menos de 3% da turma. Para aqueles que, fora de aula já trabalham 40 horas/semana, é bem mais atraente dedicar-se às avaliações que se desenrolam quando de sua presença à aula, do que, após dois ou três meses, debruçar-se sobre livros, apostilas e todo material extra necessário para uma boa resposta à avaliação.

## **RESULTADOS**

O que resulta deste método é, em última análise, alunos profundamente interessados em entenderem o que está sendo exposto, porque, ao final da exposição, serão avaliados

quanto ao conteúdo. Desta maneira é frequente nas aulas os alunos insistirem por uma, duas, três vezes na repetição de um determinado ponto que não tenha ficado claro para os mesmos. Outro ponto notável é a frequência às aulas, o que se revela em padrões completamente anormais para disciplinas universitárias. Neste método o aluno chega no horário e deixa a sala sempre após a prova final e as frequências se revelam em números superiores à 98%. Desta forma então temos um cenário que pode ser delineado pela presença do aluno em sala de aula, interesse e atenção dos mesmos com o que está sendo exposto, com administração por parte dos mesmos de seu nível de entendimento, ou seja, o aluno exige que se lhe faça entender o que está sendo exposto. Ora, não é este o contexto que todos nós, professores, desejamos? Não é para isto que, todos nós, direcionamos nossos esforços? Não é esta a harmonia desejada entre a motivação do professor e o retorno por parte do aluno? Não é este contexto propício que se efetiva através da prática pedagógica revelada pelo êxito de todos os participantes envolvidos? Como resultado final, o envolvimento psicológico dos alunos no sentido de atingir desempenhos significativos fica restrito unicamente a sua atenção durante a aula. Consequentemente menos estresses de fim de bimestre de estudos, pesquisas e rendimento.

## **CONCLUSÕES**

Com o que foi até aqui exposto procuramos demonstrar que o ensino se coloca, no processo da sala de aula, como um agente que nos é revelado pelo nível de entendimento dos conteúdos expostos. Os princípios que norteiam esta nossa ação são revelados como efetivos neste processo. Nossa concepção pedagógica, a qual conduz à prática aqui relatada, mostra-nos que trilhamos o caminho correto. Caminho este que conduz os alunos avançando na aprendizagem, estes progredem dentro do Curso, elevam-se no sentido da cidadania e tornam-se profissionais reguladores de sua própria aprendizagem. Em vista da prática por nós exercida e do que procuramos aqui demonstrar, concluimos que ensinar o aluno não significa, necessariamente, que o aluno aprendeu. Mas, avaliando o que o aluno aprendeu, tomamos consciência, efetivamente, daquilo que conseguimos ensinar.

## **REFERÊNCIAS**

Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo - Das intenções aos instrumentos*. Porto-Portugal: Porto.

Luckesi, C. C. (2011). *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. São Paulo-Brasil: Cortez.

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens - Entre duas lógicas*. Porto Alegre-RS-Brasil: Artes Médicas.

Romanowski, J. e Wachowicz ,L. A. *Avaliação formativa no ensino superior: que resistências manifestam os professores e os alunos*. In Anastasiou, Léa das Graças Camargos e Alves , Leonir Pessate. Joinville: Univille, 2004.